

O papel dos “inativos” nas universidades públicas

Rubens Pinto Lyra

Fundador e ex-dirigente da ANDES.
Professor Emérito da UFPB.

É fato não exercer a universidade pública, no Brasil, a influência que tinha na época em que institutos de ensino privado eram pouco numerosos. Mas, paradoxalmente, ela cresce em importância na sociedade e no sistema educacional, na medida em que presta ensino de melhor qualidade, com pesquisas e serviços voltados para as necessidades sociais, sendo menos sujeita à influência deletéria do mercado, que rege o funcionamento das instituições privadas na área da educação.

Não se trata de desconhecer, nas políticas atualmente adotadas pelas universidades públicas, o peso da ideologia da produtividade, da “excelência” e da “operacionalidade”, nem a penúria de recursos que lhe são destinados, mesmo pelos governos “progressistas” (PAZ: 2023).

Isso não significa que não existam espaços potenciais de ampliação da sua presença, aproveitando-se recursos humanos qualificados, como os dos professores aposentados, susceptíveis de tornar mais amplas e efetivas suas atividades de extensão.

Em 2021, o então Senador Roberto Requião, ex-governador do Estado do Paraná, sugeriu a constituição de uma Frente Nacional Democrática e Popular que deveria também contribuir para a “mobilização, educação e organização das massas

populares, em colaboração com as organizações dela integrantes” (2021: p.61).

Ora, quem pode concorrer mais do que a universidade pública, através de seus órgãos de extensão, para a realização deste desiderato? Sempre no pressuposto de sua participação não assumir caráter político-partidário.

Mas cabe às associações docentes tomar dianteira, organizando cursos, com visão crítica da sociedade capitalista, sobre diferentes aspectos da realidade social e política brasileira, que teriam importante efeito multiplicador na ampliação de conhecimento nessas áreas. Ademais, seria uma forma de se contrapor às concepções e práticas que visam submeter o funcionamento das instituições públicas do ensino superior à lógica do mercado.

O protagonismo das associações docentes nesse campo se torna ainda mais desejável na medida em que o número de “inativos” nessas instituições cresceu exponencialmente. Na UFPB, por exemplo, são 1.711, ultrapassando a metade do total dos seus professores (2.637) enquanto alcança quase cinquenta por cento (954) dos docentes sindicalizados (1.998). A quem interessa a sua “inatividade”?

Em 2021, escrevi:

“Essa seria uma oportunidade para convocar os intelectuais engajados das universidades públicas, que têm desprezado a importância de sua massa crítica - especialmente da mais disponível, os professo-



res aposentados - para assumirem a liderança dessa arregimentação político-cultural” (LYRA: 2021).

O que foi dito também se aplica à sua ação institucional, da qual os docentes aposentados mais qualificados, que participaram de bancas examinadoras nos diferentes níveis de ensino, lecionaram nos cursos de pós-graduação e os dirigiram, são preteridos.

Pude constatar, em depoimento de colegas de outras universidades, não se tratar de fenômeno peculiar à UFPB. Alguns, como eu próprio, são por vezes convidados para bancas de pós-graduação de outras instituições, mas não o são para examinar sequer simples monografias na instituição onde atuaram!

Mais deplorável ainda. Centros importantes das universidades desenvolvem atividades extracurriculares de interesse direto dos aposentados, mas estes não são sequer informados – menos ainda convidados – a participar dessas programações. Trago à colação comentários do professor aposentado da UFRPE e da UFPB, Gilvando Rios:

“o ostracismo decretado pela prática acadêmica em relação aos docentes aposentados assume à lógica neoliberal que os classifica como inativos quando eles, muitas vezes, continuam bem ativos intelectualmente. Considerá-los inativos é um ver-

dadeiro estigma, não somente do ponto de vista psicossocial. Configura também adesão ideológica à visão capitalista do aposentado como descartado e descartável” (2024).

Por outro lado, diversos estudos demonstram que a reaproximação dos aposentados das atividades laborais, que muitos exerceram, não raro de forma apaixonada, lhes trazem benéficos comprovados, pois permite vivenciar o sentimento de bem-estar proporcionado pela retomada do que sempre

que lhes foi prazeroso fazer (SANTOS et alii: 2016).

Nesse sentido, tese de doutorado sobre a matéria conclui que *“é fundamental a implementação de estratégias, programas e políticas que acolham e valorizem aqueles docentes que, mesmo estando aposentados, querem seguir contribuindo com os estudantes, a universidade*

e a sociedade” (SOARES, S.S.S: 2023).

Cabe a questão: até quando a sociedade brasileira e a universidade poderão dar-se ao luxo de desprezar a contribuição dos docentes que se aposentam? São dezenas de anos de ensino, pesquisas e atividades de extensão, livros e artigos publicados, com participação em encontros nacionais e internacionais, dentro e fora da universidade, que forjaram *experts* nas suas respectivas áreas.

Não têm eles mais nada a oferecer à cultura educacional do país?

“CENTROS IMPORTANTES DAS UNIVERSIDADES DESENVOLVEM ATIVIDADES EXTRACURRICULARES DE INTERESSE DIRETO DOS APOSENTADOS, MAS ESTES NÃO SÃO SEQUER INFORMADOS – MENOS AINDA CONVIDADOS – A PARTICIPAR DESSAS PROGRAMAÇÕES.”

REFERÊNCIAS

- LYRA, Rubens Pinto. **Bolsonarismo: ideologia, psicologia, política e temas afins.** João Pessoa: Editora do CCTA, 2021..2024.
- PAZ, Gaspar. **60 anos de golpe. Gerações em luta,** In: aterraeredonda, 10.4.2024.
- REQUIÃO, Roberto, In: LYRA, Rubens Pinto. **Bolsonarismo. Ideologia, psicologia e temas afins.** João Pessoa: Editora do CCTA, 2021.
- RIOS, Gilvando. Depoimento. 10.3.2024.
- SANTOS, Ana Cláudia et alii. **Motivações dos docentes aposentados ao retorno às atividades laborais em uma universidade pública.** Universidade Estadual de Londrina, Rev. Rene, 2016.jul. ago; 17 (4):561-B.
- SOARES, S.S.S. **Os sentidos da aposentadoria para docentes de enfermagem aposentados nas universidades públicas brasileiras,** 2023. Tese (Doutorado em Enfermagem). Faculdade de Enfermagem. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.